



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Rua Barão de Geremoabo, nº147; CEP: 40170-290 Campus Universitário - Ondina, Salvador - BA
Tel.: (71) 3283-6256 – site:<http://www.ppgll.ufba.br> – E-mail: pgetba@ufba.br



OS ESPAÇOS MÓVEIS DA MEMÓRIA NA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

por

MÁRCIO ROBERTO SOARES DIAS

Orientadora: Profa. Dra. Mirella Márcia Longo V. Lima

Salvador
2009

MÁRCIO ROBERTO SOARES DIAS

OS ESPAÇOS MÓVEIS DA MEMÓRIA NA POESIA DE
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor.

Área de Concentração: Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Mirella Márcia Longo Vieira Lima

Salvador

2009

Biblioteca Reitor Macêdo Costa - UFBA

D541 Dias, Márcio Roberto Soares.
Os espaços móveis da memória na poesia de Carlos Drummond de Andrade / Márcio Roberto Soares Dias. - 2009.
177 f.

Orientadora: Profª Drª Mirella Márcia Longo Vieira Lima.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2009.

1. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987 - Crítica e interpretação. 2. Memória autobiográfica. 3. Poesia moderna. 4. Espaço e tempo na literatura. I. Lima, Mirella Márcia Longo Vieira. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 809.1
CDU - 82.09

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

MÁRCIO ROBERTO SOARES DIAS

OS ESPAÇOS MÓVEIS DA MEMÓRIA
NA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Tese para obtenção do grau de Doutor em Letras e Linguística
Área de Concentração: Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura

Salvador, de 2009.

Banca Examinadora:

Mirella Márcia Longo Vieira Lima _____

Doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada), USP
Universidade Federal da Bahia

Rachel Esteves Lima _____

Doutora em Estudos Literários, UFMG
Universidade Federal da Bahia

Aleilton da Fonseca _____

Doutor em Literatura Brasileira, USP
Universidade Estadual de Feira de Santana

Ligia Guimarães Telles _____

Doutora em Letras, UFBA
Universidade Federal da Bahia

Alcides Celso Oliveira Villaça _____

Doutor em Literatura Brasileira, USP
Universidade de São Paulo

*A
Mira
e
Laís*

AGRADECIMENTOS

Antes de citar nomes de pessoas que foram fundamentais durante toda a jornada que culmina na finalização deste trabalho, gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESP, pelo precioso auxílio mediante a outorga da bolsa de estudo. Também agradeço à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e ao Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários, pela viabilização e concessão de licença das minhas atividades profissionais durante a vigência do Curso de Doutorado.

Meus agradecimentos aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal da Bahia, com os quais pude aprofundar conhecimentos e debater questões ligadas ao meu campo de atuação. Não posso esquecer também de manifestar minha gratidão aos funcionários do Colegiado do Programa, sempre solícitos.

A Alana de Oliveira Freitas El Fahl e Flávia Aninger de Barros Rocha, colegas e amigas, sou grande devedor por tantos favores feitos sem perspectiva de retribuição: muito obrigado!

Agradeço fundamentalmente a Mirella Márcia Longo Vieira Lima pela orientação competente, ao mesmo tempo firme e delicada, cuja postura intelectual, caracterizada por uma extrema dedicação, deixa marcas profundas e irreversíveis em minha vida acadêmica.

RESUMO

Esta tese orienta-se por uma leitura da lírica drummondiana, através da qual sobressai a análise da relação afetivo-cognitiva que o poeta estabelece com elementos (pessoas, espaços, instituições...) perdidos na nebulosa do tempo, evidenciando-se, sobretudo, a mediação da dimensão temporal como recurso dinamizador da relação poesia/espaço. No atrito com o tempo corrosivo, o poeta dedica-se a registrar as conquistas e as perdas da maturidade, enriquecendo sua obra com a expressão das tensões vividas pelo homem que, lúcido, caminha para a dissipação. Por um lado, essa inscrição da existência na série cronológica faz nascer a noção de que a temporalidade é, em si, cega e irreversível, visto a seqüência dos tempos não garantir um traçado evolucionista do inferior para o superior. Por outro lado, a maturidade sobrevinda facultava-lhe um gesto de resistência: o seu deslocamento em direção aos antepassados para compreender a conformação de sua consciência permite-lhe restabelecer laços afetivos, e, nesse processo, recriar lingüisticamente o seu passado. Uma parcela considerável de sua poesia memorialística traz um tom profundamente marcado pela dúvida, pela inquietude, pelo sentimento de culpa. Esse período de auto-análise mais dura faz sua poesia resvalar na mitificação da família e da Minas Gerais de sua infância, o que acaba por lançar sobre si próprio certa suspeição, marcada principalmente pelo motivo do desajuste familiar. A partir de *Lição de coisas*, já aos 60 anos de idade, e principalmente com *Boitempo*, observa-se na poesia de Drummond uma disposição biográfica sem a pungência ou a acrimônia que se percebem em outros versos nos quais o poeta trata de si mesmo ao longo de sua obra.

Palavras-chave: Poesia moderna; Memória; Tempo e espaço; Carlos Drummond de Andrade; Representações sociais.

ABSTRACT

This thesis is guided by a reading of Drummondian poetry, through which the analysis of the affective and cognitive relationship that the poet establishes with elements (people, spaces, institutions...) lost within the nebula of time stands out. In this analysis the relationship between poetry and space is made clear through the mediation of the temporary dimension. Facing the attrition with the corrosive time, the poet devotes to register the conquests and losses of maturity, enriching his work with the expression of the tensions he lived as a man who lucidly walks toward the dissipation. On the one hand, the inscription of the existence in the chronological series produces the notion that temporality is itself blind and irreversible, since the time passing does not guarantee an evolution from inferior to superior. On the other hand, the maturity allows him a gesture of resistance: the movement toward his ancestors in order to understand the configuration of his own conscience allows him to reestablish affective ties, and permits to recreate linguistically his past. A considerable portion of Drummond's memory poetry is deeply marked by doubt, unquietness, and resentment. That period of harder self-analysis makes his poetry slips in the mystification of his family and that Minas Gerais of his childhood. This attitude has the effect to throw on himself certain suspicion, marked especially by the theme of family misadjustment. Since *Lição de coisas*, when the poet was 60 years old, and especially in *Boitempo*, there is in Drummond's poetry a biographical disposition without the pain or the acrimony that are noticed in other verses in which the poet speaks of himself.

Keywords: Modern Poetry; Memory; Time and Space; Carlos Drummond de Andrade; Social Representations.

Sumário

LISTA DE ABREVIATURAS	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
FANTASMAGORIAS DE UMA CIDADE	18
Um vapor que se dissolve	24
CAPÍTULO II	
SOBRE O CORPO DE BELO HORIZONTE	53
O passado cor-de-cores fantásticas	57
Duas cidades, um profeta	70
O horizonte sem forma	78
CAPÍTULO III	
(EM) MEMÓRIA DE UM MENINO	86
Itabira: onde uma serra, um clã, um menino literalmente desapareceram	87
O almofariz do tempo imemorial	108
CAPÍTULO IV	
ÚLTIMO SORTIMENTO DE MEMÓRIAS	133
O migrante bloqueado	136
Mar longe do oceano	155
CONCLUSÃO	167
REFERÊNCIAS	170

LISTA DE ABREVIATURAS

AP	<i>Alguma poesia</i>
SM	<i>Sentimento de mundo</i>
JO	<i>José</i>
RP	<i>A rosa do povo</i>
CE	<i>Claro enigma</i>
FA	<i>Fazendeiro do ar</i>
LC	<i>Lição de coisas</i>
BO	<i>Boitempo</i>
DP	<i>Discurso de primavera e algumas sombras</i>
FW	<i>Farewell</i>
CM	<i>Confissões de Minas</i>
VPL	<i>A vida passada a limpo</i>

INTRODUÇÃO

A ocorrência de uma literatura cujas bases estão fincadas no solo da recordação não é prerrogativa da modernidade. Neste período, no entanto, percebe-se o surgimento, numa escala até então nunca vista, de artistas que buscaram na memória o seu fulcro criador. Essa busca de um tempo perdido, realizada pela literatura, parece guardar, a princípio, estreitos laços com o eterno sentimento de impotência do ser humano diante da efemeridade do ciclo da vida, da impossibilidade de retenção de fases da existência, enfim, da inexorabilidade da morte. O movimento em direção ao pretérito, visto sob a perspectiva da arte moderna, guarda também uma estreita ligação com a ruptura estabelecida entre o artista moderno e sua época. Não se ajustando às engrenagens da sociedade industrial, mas estando consciente de sua situação e nutrindo uma forte descrença no mito do progresso social, científico e tecnológico, o artista experimenta os efeitos da exclusão e engendra, por meio de um processo criativo, reconstruir um período anterior à ruptura que se estabeleceu entre ele e o mundo.

Parte importante da obra de Carlos Drummond de Andrade encontra seu lastro nos deslocamentos operados entre lugares simbólicos sob a mediação da memória: a transferência de Itabira para Belo Horizonte e, principalmente, para o Rio de Janeiro implicou a experiência não só da readaptação, mas principalmente da revisão afetiva que alimenta parcela substancial de sua lírica. Desde os primeiros textos de Drummond, observa-se uma forte relação entre espaço e tempo. De fato, já em *Alguma poesia* (1930), está anunciada essa relação que marcará toda a sua obra. A própria disposição dos poemas naquele

primeiro livro não deixa de ser bem sintomática. Basta lembrar o “Poema de sete faces”, voltado para a paisagem urbana e detentor de uma perspectiva dilatada, construída para o “vasto mundo”¹. Já o segundo poema, “Infância”², dirige-se à recordação do passado vivido no meio rural.

Esses empuxos temporais e espaciais já apresentados em *Alguma poesia* não se esgotam nem se sobrepujam ao longo de sua trajetória artística. Ao contrário, apresentam timbres diversos cujas modulações dialogam entre si. A questão do espaço imediato da cidade e a do espaço provinciano mediado pela memória atravessa boa parte da obra poética com variações que, em certos momentos, acumulam-se e, noutros, ramificam-se, mas sempre se revestindo de diferenças e de contingências.

A partir de *Sentimento do mundo*, a lírica drummondiana intensifica um movimento — já perceptível nas coletâneas anteriores — em direção ao aprofundamento da exploração do espaço e do tempo ao seu redor. É o momento em que a consciência do poeta percebe, com uma agudeza mais profunda, o inexorável processo de desgaste que o tempo inflige a tudo na vida. Nesse período, sua produção manifesta a presença de um relacionamento tenso entre o eu e o mundo, filtrado através da ênfase nas análises graves e nas reflexões profundas sobre a vida e sua efemeridade. O cerne desta tensão é, de um lado, o sentimento de uma espécie de aceitação provisória de que o eu e o mundo acham-se apartados e, de outro, a presença de uma disposição utópica de vencer o hiato que cinde criação artística e práxis. Segundo a crítica

¹ Cito aqui trecho de verso do “Poema de sete faces”. Cf.: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. 6. ed. (revisada e atualizada), Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p.4.

Doravante, os poemas citados ao longo deste trabalho serão indicados sempre em nota de pé de página, assinalando-se, por meio de abreviaturas (cf. quadro na p. 9), o título do livro a que pertencem e o número da página que consta da edição das obras completas do autor, publicada pela editora Nova Aguilar em 1988. As únicas exceções dizem respeito às coletâneas *Farewell* e *O amor natural*, que não fazem parte daquele volume único.

² AP, p.5.

especializada, essa tensão — que se manifesta inicialmente em *Sentimento do mundo* e atinge níveis mais agudos em *José* — somente alcançaria um equilíbrio precário em *A rosa do povo*, uma vez que, em *Claro enigma*, o equilíbrio rompe-se mais uma vez.

No primeiro capítulo deste trabalho, no entanto, defendemos a tese de que a saída manifestada em *A rosa do povo* já se anuncia em *Sentimento do mundo*, através da *persona* lírica de “Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte”. Espécie de anteface que cobre o rosto do poeta, a Moça-Fantasma emerge, em *Setimento do mundo*, traduzindo e representando o encontro entre o eu e a sociedade da capital mineira dos anos 1940 — um encontro que definimos como constituído de gestos negativos. De fato, a Moça-Fantasma e a sociedade belo-horizontina daquela época se identificam, na medida em que não se harmonizam com as formas modernas da cidade — que aparentemente trazem consigo o convite à satisfação dos impulsos individuais. Nesse sentido, essa *persona* lírica é ao mesmo tempo o desejo reprimido e a própria moral social que o reprime. Ela representa a lembrança renitente e incômoda da sobrevivência de valores e idéias não condizentes com a aparente modernidade da cidade; indica, ainda, a memória de uma sensualidade jamais consumada no nível do corpo e que também não se harmoniza com as modernas formas urbanas. Drummond, nesse poema, mais do que questionar e ironizar sentimentalmente o fundo católico que emerge da fala da *persona* lírica, questiona e ironiza uma memória fantasmática de dogmas cristãos que, insistindo em sobreviver dentro dele próprio, persegue e assombra não só sua consciência, mas também a própria sociedade, que nutre essa memória perseguidora. É nesse sentido que a Moça-Fantasma representa um encontro entre o eu o mundo, pois ela é, ao mesmo tempo, o eu do poeta e a sociedade, dois pólos que não entram em harmonia com a mentalidade e com as formas modernas da cidade encravada no coração das Minas Gerais.

O segundo capítulo, cuja análise se debruça sobre o poema “Triste Horizonte”, do livro *Discurso de primavera e algumas sombras* (1977), tem como elemento motivador os efeitos da modernização corrosiva a que foi submetida a capital mineira desde a década de 1950. Se, em “Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte”, o desencontro entre as formas modernas da cidade e a mentalidade tradicional de sua sociedade, no final dos anos 1930 e início da década de 1940, dá ao poeta o mote para sua crítica da atmosfera culturalmente provinciana da capital de Minas Gerais, o poema “Triste Horizonte”, ao contrário, traz no seu cerne um canto de lamento por aquela cidade das décadas anteriores e que, nos anos 1970, existe apenas em sua memória afetiva. Parece que o poeta abre os olhos para uma realidade sombria; uma atualidade infinitamente mais tenebrosa do que qualquer culpa que apontara e mesmo previra no momento anterior. Assim, o olhar maduro e mais condescendente do poeta com relação à BH de sua juventude transforma o que antes havia sido motivo de censura em matéria de saudade. Drummond, deliberadamente, pinta um retrato de sua antiga BH com auxílio da imaginação e da fantasia. O que, de maneira alguma, invalida o processo reavaliativo da sua trajetória pessoal. Ao contrário: a reflexão sobre a experiência vivida solicita o auxílio à memória; uma memória que nunca é ou será auto-suficiente, mas que necessariamente recorre e faz uso do elemento imaginativo.

O terceiro capítulo trata da presença de Itabira como pátria da parcela emocional da poesia de Drummond. A força dessa presença está intimamente relacionada com a paulatina e dolorosa percepção de Itabira como uma espécie de paraíso perdido — percepção cuja base é a crescente consciência do distanciamento instaurado entre o poeta e o mundo provinciano do interior mineiro, distanciamento vivido como expatriamento e exílio. De um modo geral, a lírica drummondiana apresenta uma ampla investigação de memórias. Na série *Boitempo*, no entanto, essa investigação reveste-se de um forte

propósito autobiográfico que tem, na base da escrita, uma subjetividade que interpreta, reflete e sonda com tranquilidade a si mesmo como elemento do mundo. Postura bem diferente da adotada por Drummond na maior parte da poesia anterior, quando o intenso individualismo forçava a auto-análise, a dúvida, o sentimento de culpa. Mas, sexagenário, o poeta ergue-se contra o seu ensimesmamento e realiza, por meio da memória — único recurso capaz de converter em ganho aquilo que, na vida, foi perda — a reavaliação do passado. Assim, tomando como base poemas retirados da série *Boitempo*, são aqui analisadas certas imagens poéticas que, aflorando à memória na forma de uma reunião de fragmentos, irrompem da obra de Drummond, como se invadissem o presente. São parcelas desagregadas de seu tempo. Algumas dessas imagens chegam a dar origem a noções ou conceitos, como é o caso da noção de “*imemória*” — espécie memória que, para realizar-se, se vale dos mais diversos materiais, principalmente de lacunas, vazios e ausências. Essa noção é fundamental para a compreensão da manifestação, no poema “Casa”, de um tempo imaginário, de *onde* o poeta se posta estrategicamente para introduzir, na forma de uma profética descrição lírica, a configuração nem tanto física, mas principalmente afetiva do espaço privado de sua infância. Na verdade, todo do universo de *Boitempo* ergue-se sob os auspícios de um olhar infantil, despido da ironia e do juízo formado; um olhar que apreende o novo, mesmo nas coisas antigas, e se surpreende com ele. Nesse sentido, o “Menino Antigo” de *Boitempo* anuncia uma outra maneira de percepção dos efeitos causados pela passagem do tempo: além de “corroer”, o tempo também constrói, uma vez que, no seu transcorrer, uma história se forma, conferindo valor de antiguidade àquilo que resiste à “corrosão”. Com o advir da maturidade, o poeta ensaia, portanto, um movimento de resistência, traduzido pela mudança de atitude em relação ao passado. Esse gesto permite-lhe restaurar vínculos afetivos e, nesse decurso, recriar poeticamente o seu passado.

Contudo, com a publicação de *Farewell*, a relativa serenidade memorialística de *Boitempo* cede novamente espaço ao intenso individualismo, que volta a mostrar todo o vigor de antes, trazendo consigo as antigas tensões e angústias. *Farewell*, de fato, estabelece um diálogo profundo com as coletâneas publicadas nas décadas de 1930 e 1950 — o que explica, em parte, o quarto capítulo desta tese eleger como objeto de análise as relações do poeta com a cidade do Rio de Janeiro, a partir da leitura de textos retirados da coletânea última do poeta e de *A vida passada a limpo*, livro da década de 1950. A leitura de “A ilusão do migrante” (*Farewell*) será esclarecida pela análise de versos pertencentes a poemas reunidos em outros livros de Drummond, ao passo que esse poema também guiará retroativamente a leitura de “Prece de mineiro no Rio” (*A vida passada a limpo*). Cumpre esclarecer que a visão do Rio de Janeiro que desponta desses poemas não é a da cidade percebida, digamos, na vivência direta do poeta e que frequenta poemas como “Coração numeroso”, “Noturno à janela do edifício”, “A bruxa”, “Privilégio do mar”, “Inocentes do Leblon”, “Retrato de uma cidade”... A cidade do Rio de Janeiro filtrada em “A ilusão do migrante” e “Prece de mineiro no Rio” é aquela que se constrói em confronto e oposição ao universo itabirano abrigado na memória do poeta.

O último livro de Drummond traz uma espécie de ponto de vista inédito, através do qual aqueles momentos anteriores se prestam a novas leituras. Trata-se do ponto de vista de quem está se despedindo da vida; de quem, antes de fechar definitivamente os olhos, dirige um último olhar ao mundo, julgando e condenando o processo da existência. Assim, embora irreversivelmente ligado ao presente, emerge de *Farewell* um memorialismo cuja marca é o tom prudente e reservado que anuncia, sem apelos sentimentais, a visão decisiva e última. Em “A ilusão do migrante”, o poeta oscila entre dois mundos (Itabira/Rio de Janeiro; passado/presente), evidenciando sua dupla condição: hóspede adventício instalado indefinidamente em terra estranha e

filho pródigo irreversivelmente destituído da casa paterna. Essa condição faz Drummond colocar em questão, no plano afetivo, duas constatações de cunho biográfico bastante conhecidas: a sua mudança em definitivo para o Rio de Janeiro e, principalmente, o afastamento total de Itabira em 1954, quando visita pela última vez a cidade natal. Por meio da memória, Drummond compõe uma espécie de biografia da emoção. Nesse outro universo autobiográfico, sobressai a dolorosa percepção da impossibilidade de abandonar as raízes. Ao negar, no plano emocional, a consistência do seu ato migratório, o poeta nega consistência à vida que viveu no Rio de Janeiro e, em última estância, contamina com essa visão a própria história brasileira do século XX, em sua passagem do mundo rural e arcaico para a modernidade urbana.

“Prece de mineiro no Rio”, escrito nos últimos anos da década de 1950, apresenta um eu drummondiano desafiado por duas questões espinhosas: o envelhecimento que bate à sua porta e a compreensão da história como contínua dissipação, ou seja, como um lento mas inexorável processo de decadência e degradação, cuja consequência fundamental é a inscrição de todos os entes e coisas na finitude. Esse caráter extremamente devastador do fluxo temporal adquire mais força no ambiente urbano, uma vez que o ritmo vertiginoso das grandes metrópoles modernas estrangula o circuito comunicativo que une as pessoas, esfacelando as referências coletivas. Sitiado em cenário sombrio e vergado por um ânimo bastante negativo, Drummond apela para a tradição de Minas Gerais, nela buscando uma possível luz, instauradora da ordem perdida. O olhar do poeta recua ao passado e, nesse movimento rápido, propõe uma visão do Rio de Janeiro, como espaço carente de mitos. Desse modo, ao buscar o universo mítico de Minas, Drummond nos coloca diante de uma memória afetiva tão profundamente estabelecida em sua alma, que toca as raias do imemorial. O poeta, contudo, não trata de obter, nesse espaço mitificado, um refúgio aos *males* da cidade e do presente. Antes, busca

através da memória a inserção desse espaço no ambiente urbano do Rio de Janeiro, propondo estabelecer um contato entre mito e experiência. No entanto, o tempo veloz da metrópole parece suprimir a realização desse desejo: a dimensão mítica é refutada e negada pela demanda do sujeito preso à história.

CONCLUSÃO

Ao longo da obra lírica de Drummond, a reflexão sobre o fluir do tempo atravessa vários temas — a pesquisa do mundo, o amor, a família, a província, a cidade... — que se confrontam com a noção de finitude. No atrito com o tempo corrosivo, o poeta dedica-se a registrar as conquistas e as perdas da idade adulta, enriquecendo sua obra com a expressão das tensões vividas pelo homem que, lúcido, caminha para a dissipação. Por um lado, essa inscrição da existência na série cronológica faz nascer a noção de que a temporalidade é, em si, cega e irreversível, visto a seqüência dos tempos não garantir um traçado evolucionista do inferior para o superior. Por outro lado, a maturidade sobrevinda facultava-lhe um gesto de resistência: o seu deslocamento em direção aos antepassados para compreender a conformação de sua consciência permite-lhe restabelecer laços afetivos, e, nesse processo, recriar lingüisticamente o passado. No entanto, uma parcela considerável de sua poesia memorilística — notadamente aquela produzida nos decênios de 1930, 1940 e, sobretudo, 1950 — traz um tom profundamente assinalado pela dúvida, pela inquietude, pelo sentimento de culpa. Esse período de auto-análise mais dura faz sua poesia resvalar na mitificação da família e da Minas Gerais de sua infância, o que acaba por lançar sobre si próprio certa suspeição, marcada principalmente pelo motivo do desajuste familiar. A partir de *Lição de coisas*, já aos 60 anos de idade, e principalmente com *Boitempo*, observa-se na poesia de Drummond uma disposição biográfica sem a pungência ou a acrimônia que se percebem em outros versos nos quais o poeta trata de si mesmo ao longo de sua obra. Em *Farewell*, entretanto, as inquietações voltam a se manifestar.

O tom deste trabalho pautou-se na ênfase dos debates internos que Carlos Drummond de Andrade trava ao longo da sua trajetória. Dessa forma, o confronto das análises de Belo Horizonte, feitas nos capítulos I e II, apontou para dois estatutos simbólicos ocupados pela cidade em etapas diferentes da vida do poeta. No primeiro momento (capítulo I), o traço marcante da cidade é o paradoxo. Nesse sentido, sobressai, em “Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte”, uma crítica à modernidade postiça ostentada pela capital mineira nos anos 1930 que, a despeito das arrojadas formas arquitetônicas de sua paisagem urbana, mantém a memória de uma mentalidade conservadora e avessa à adoção novos hábitos. No segundo momento, quando beira os 80 anos, Drummond revela um profundo desencanto como os novos rumos tomados pela cidade e expõe uma disposição saudosa justamente pela BH da sua juventude. Diante da visão desfigurada da Belo Horizonte dos finais dos anos 1970, a antiga cidade ressurge, na memória do homem maduro, livre de ressentimentos e repressões.

Com dialética menos evidente, o mesmo padrão de contraste orienta as análises de “Documentário” e “Casa” e de “A ilusão do migrante” e “Prece de mineiro no Rio”, de modo a estender o exercício comparativo entre as análises dos capítulos III e IV. Assim, O filho pródigo sequioso de retorno contrasta-se e completa-se na imagem do hóspede, estranho habitante sem raízes. Por conseguinte, Itabira, lugar da eterna casa, casa única, entra em relação dialética com uma cidade que, em permanente deformação, contamina o sujeito, fazendo-o perder a identidade.

Ciente de que qualquer reflexão sobre a escrita de Drummond exige o debate sobre a reavaliação que o poeta faz da sua experiência ao longo dos anos, este trabalho orientou-se por uma leitura da lírica drummondiana, através da qual sobressaiu a análise da relação afetivo-cognitiva que o poeta estabeleceu com elementos (pessoas, espaços, instituições...) perdidos na nebulosa do

tempo, evidenciando-se, sobretudo, a mediação da dimensão temporal como recurso dinamizador da relação poesia/espço. Este trabalho, por conseguinte, consistiu num painel de leitura de poemas, cujo foco se concentrou nos espaços em que Drummond viveu fases importantes de sua vida: Belo Horizonte, Itabira e Rio de Janeiro. Não obstante Drummond tenha se dado ao direito de, através da memória, reelaborar o passado, ele sempre o fez consciente de que tal exercício inseria-se no tempo presente. Seu olhar foi, por motivos diversos, levado a deslocar-se para outros espaços ou para outro tempo, mas ele sempre esteve com os pés fñcados no presente. É essa consciência de que o passado é reconstruído com materiais do momento atual que está patente nos textos líricos de Drummond analisados neste trabalho. O poeta sabe que, no presente da cidade, a infância memorada emerge não mais da casa da província, mas sim da aérea habitação urbana: “Vai crescer a tua barba / neste medonho edifício / de onde surge tua infância / como um copo de veneno”¹.

¹ Cito aqui versos do poema “Edifício esplendor” (JO, p. 80).

REFERÊNCIAS

Obras de CDA

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. 6. ed. (revisada e atualizada), Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

_____. *Antologia poética*. 42. ed., Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Farewell*. 8. ed., Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. Claros Enigmas: depoimento [15 de agosto de 1987]. São Paulo: *O Estado de São Paulo*. Entrevista concedida a Luís Fernando Emediato.

_____. Adeus. A vida passa feito um avião supersônico. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto. In: MORAES NETO, Geneton. *O dossiê Drummond*. 2. ed., São Paulo: Globo, 1994.

Obras sobre CDA

CAMILO, Vagner. *Drummond: da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial: 2001.

CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: _____. *A educação pela noite, e outros ensaios*. 3. ed., 2. reimp., São Paulo: Ática, 2003b, p. 51-69.

_____. Inquietudes na poesia de Drummond. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. (reorganizada pelo autor), São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 67-97.

DIAS, Márcio Roberto Soares. *Da cidade ao mundo: notas sobre o lirismo urbano de Carlos Drummond de Andrade*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2006.

GLEDSOON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. Trad. do autor. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

LIMA, Luiz Costa. O princípio-corrosão na poesia de Carlos Drummond de Andrade. In:_____. *Lira e antilira: Mário, Drummond, Cabral*. 2. ed. (revista), Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. p. 129-196.

_____. Drummond: as metamorfoses da corrosão! In: _____. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 285-320.

LIMA, Mirella Vieira. *Confidência mineira: o amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: EDUSP; Campinas: Pontes, 1995.

_____. Dizer Adeus: notas sobre o último livro de Carlos Drummond de Andrade. *Leitura: teoria e prática*, UNICAMP, Campinas, n. 29, p. 79-82, jun., 1997.

MALARD, Letícia. *No vasto mundo de Drummond*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MERQUIOR, José Guilherme. Notas sobre *Boitempo*. In:_____. *A astúcia da mimese*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972. p. 44-68.

MORAES NETO, Geneton. *O dossiê Drummond*. 2. ed., São Paulo: Globo, 1994.

NUNES, Benedito. Drummond: a morte absoluta. *Literatura e sociedade – Departamento de Teoria e Literatura Comparada da USP*, São Paulo, n. 5, p. 136-155, 2000.

PIGNATARI, Décio. A situação atual da poesia no Brasil. In: _____. *Contracomunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1971. (Série Debates, n. 44)

SANTIAGO, Silviano. Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade. In: _____. *Ora (dizeis) puxar conversa!/: ensaios literários*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 46-47.

SECCHIN, Antonio Carlos. Drummond: a infância da poesia. In: _____. *Escritos sobre poesia e alguma ficção*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2003. p. 167-74.

SIMON, Iumna Maria. *Drummond, uma poética do risco*. São Paulo: Ática, 1978.

TEIXEIRA, Jerônimo. *Drummond cordial*. São Paulo: Nankin Editorial, 2005.

VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Geral

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore nacional*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fonte, 2000.

BARTLETT, Frederic C. *Remembering: A Study in experimental and social psychology*. Introdução de Walter Kintsch. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: _____. *A modernidade de Baudelaire*. Trad. Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 159-212.

_____. *Le peintre de la vie moderne*. Paris: Collections Litteratura.com, s/d.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. 7. ed., 10. reimp., São Paulo: Brasiliense, 1996a. (Obras escolhidas, vol.1)

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. 7. ed., 10. reimp., São Paulo: Brasiliense, 1996b. p. 197-221. (Obras escolhidas, vol.1)

_____. Franz Kafka, a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. 7. ed., 10. reimp., São Paulo: Brasiliense, 1996c. p. 137-164. (Obras escolhidas, vol.1)

_____. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. 7. ed., 10. reimp., São Paulo: Brasiliense, 1996d. p. 114-119. (Obras escolhidas, vol.1)

_____. Sobre alguns temas em Baudelaire. Trad. Hemerson Alves Baptista. In: _____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed., 2. reimp., São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 103-149. (Obras escolhidas, vol. 3)

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOLLE, Willi. *Fisionomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. 2. ed., São Paulo: FAPESP/EDUSP, 2000.

BOSI, Alfredo. Imagens do Romantismo no Brasil. In: GUINSBURG, Jacob. (org.) *O Romantismo*. 3. ed., São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto. (org.) *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.19-32.

_____. Frase: música e silêncio. In: _____. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2000a. p. 77-162

_____. Imagem, discurso. In: _____. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2000b. p. 19-47

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOURGEOIS, André. Prefácio e introdução à *Ironia romântica*. Trad. Luiz Morando. In: *Cadernos de Pesquisa do NAPQ*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, n. 22, p. 55-88, dez., 1994.

BURKE, Edmund. A philosophical enquiry into the origin of our ideas of the Sublime and Beautiful; with an introductory discourse concerning to Taste. In: _____. *The Works of the right honorable Edmund Burke*. Londres: F.C. and J. Rivington, 1815. vol. 1. p. 81-321.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a cultura. In: _____. *A educação pela noite, e outros ensaios*. 3. ed., 2. reimp., São Paulo: Ática, 2003a. p. 181-198.

CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. 4. ed., 2. reimp., São Paulo: Perspectiva, 2006.

CRUZ, Sebastião C. Velasco e. *O presente como história*. Economia e política no Brasil pós-64. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Editora 70, 1993.

ERIKSON, Erik Homburger. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Trad. Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: _____. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, s/d(a). 1CD ROM. Produzido por Z-Movie Studio.

FRYE, Northrop. *Códigos dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro; Rocco, 1994.

GUERRA, Alba Gomes; CARVALHO, Gloria. *Interpretação e método: interpretação com diferença*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Chicoutimi (Canadá): Université du Québec a Chicoutimi, 2001. (Edição eletrônica feita por Jean-Marie Tremblay, baseada na edição de 1925 de Félix Alcan. Tratamento digital para o Microsoft Word feito pela Macintosh.)

JAMESON, Frederic. Walter Benjamin; ou nostalgia. In: _____. *Marxismo e forma*. Trad. Iumna M. Simon *et all.*, São Paulo: Hucitec, 1985. p.53-69.

KANGUSSU, Imaculada. *Leis da liberdade: a relação entre estética e política na obra de Herbert Marcuse*. São Paulo: Loyola, 2008.

KEITH, Jennifer. Pre-Romanticism and the ends of eighteenth-century poetry. In: SITTER, John (org.). *The Cambridge companion to eighteenth-century poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, s/d. p. 271-290.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. 2. ed., 1. reimp. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MACHADO, Arlindo. *Técnicas fotográficas*. São Paulo: Itáu Cultural, 1999.

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Coleção Debates).

PAULA, João Antonio de; MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. As Três Invenções de Belo Horizonte. In: PREFEITURA Municipal Belo Horizonte. Anuário Estatístico de Belo Horizonte – 2000. Belo Horizonte: 2001. p. 27-49.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *El arco y la lira*. 3. ed., 6. reimpr., Cidade do México: Fondo de Cultura Economica, 1986.

PECORARO, Rossano. *Nihilismo e (Pós)Modernidade*. Introdução ao ‘pensamento fraco’ de Gianni Vattimo. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PIKE, Burton. *The image of the city in modern literature*. Princeton: Princenton University Press, 1989.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Ditadura militar, esquerdas e sociedade no Brasil. *Gramsci e o Brasil*, Juiz de Fora, s/d. Disponível em: <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv148.htm>. Acesso em: 15 fev.2007.

RIBEIRO Jr., João. *As perspectivas do mito*. São Paulo: Pancast Editorial, 1992.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Trad. Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1994.

ROUART, Marie-France. O mito do Judeu Errante. In: BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind (et. al.). 4. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 665-672.

RYALS, Clide L. de. *A world of possibilities: romantic irony in Victorian literature*. Columbus (EUA): Ohio University Press, 1990.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2006.

SELLIER, Philippe. Caim. In: BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind (et. al.). 4. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p.138-144.

SILVA, Franklin Leopoldo e. Bergson e Proust: tensões do tempo. In: NOVAES, Adauto. (org.) *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 141-154.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Trad. Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987. p. 11-25.

SOUZA, Renato José de. A arquitetura de Belo Horizonte nas décadas de 40 e 50: utopia e transgressão. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). *Arquitetura da modernidade* — Belo Horizonte: UFMG, 1989.

VIZENTINI, P. G. F. Política externa e desenvolvimento no Regime Militar. *Princípios*, São Paulo, n. 51, p. 56-65, 1998.

Poesia, ficção, biografia e autobiografia

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléia Zanotto Manfio. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

BAUDELAIRE, Charles. *O spleen de Paris*: pequenos poemas em prosa. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CRUZ E SOUSA, João da. *Broquéis — Faróis*. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção Obra Completa de Cada Autor)

DOSTOIEVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

NAVA, Pedro. *O círio perfeito*. 5. ed., Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: Giordano, 2004. (Coleção Memória, n.6)

NEVES, Lucília; DULCI, Otavio; MENDES, Virgínia. *Edgar de Godoy da Mata Machado* — fé, cultura e liberdade. São Paulo: Loyola; Belo Horizonte: UFMG, 1993.

PRADO, Miguelanxo. *Belo Horizonte*. Rio de Janeiro: Casa 21, 2003. (Coleção Cidades Ilustradas)

Dicionários

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Aulete Digital* – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete. São Paulo: Lexikon, s/d. 1CD ROM. Produzido por MGB Informática Ltda.

AURÉLIO Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico século XXI versão 3.0*. São Paulo: Nova Fronteira, 2004. 1CD ROM. Produzido por Positivo Informática.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário brasileiro de folclore*, Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1962.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 10. ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1996.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. São Paulo: Objetiva, 2001. 1CD ROM. Produzido por FL Gama.

LAPLANCHE, Jean; LAPLANCHE, Pontalis. *Vocabulário de psicanálise*. 4. reimpr., Dir. Daniel Lagache e Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind (et. al.). 4. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.